
REVISTA DE GEOGRAFIA

Programa de pós-graduação em geografia da UFPE
www.ufpe.br/revistageografia

CENÁRIOS NOTURNOS: SOBRE A ESPACIALIDADE E OS SIGNIFICADOS DA ILUMINAÇÃO URBANA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marcos Paulo Ferreira de Góis¹

¹ Mestrando em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. marcosruler@gmail.com.

Artigo recebido em 22/11/2010 e aceito em 10/12/2010

RESUMO

Gostaríamos de apresentar neste artigo algumas reflexões sobre a paisagem noturna das grandes cidades e o papel da iluminação artificial na criação de um jogo de visibilidade noturna e na composição de cenas urbanas. A título de demonstração apresentaremos algumas reflexões sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana a partir da vida noturna da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: iluminação urbana; cenário; cidade; paisagem noturna.

ABSTRACT

This article aims to present some reflections about the nightscapes of the cities. In this way, we would like to introduce a discussion related with the visibilities and the locations of the artificial light in urban space. For demonstration of our methodological approach we examine the case of Rio de Janeiro's nightlife as a scenic composition of night elements.

Key words: urban lighting; scenery; city; nightscape.

INTRODUÇÃO

A despeito do aparente silêncio que permanece na geografia sobre a espacialidade da luminosidade, propomos uma abordagem espacial da luz urbana e um estudo sobre suas implicações na vida noturna dos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro na atualidade. O mote da pesquisa é, portanto, buscar uma explicação geográfica sobre o fenômeno de iluminar cidades, com o objetivo de compreender a lógica espacial na distribuição e ocorrência da iluminação urbana e os significados compreendidos dentro do arranjo espacial existente.

Em um primeiro momento tentaremos demonstrar que a paisagem e a vida noturna na atualidade derivam de um processo recente de apropriação social da noite urbana. Posteriormente, apresentamos uma forma de interpretação desse fenômeno a partir da analogia com a estrutura do teatro e finalizamos com algumas classificações à título de resultados parciais.

A CONQUISTA DA NOITE

A conquista da noite urbana foi um processo lento de apropriação social. Durante séculos a vida urbana permaneceu restrita às horas de sol, enquanto que à noite pouco se podia ver ou ouvir nas ruas da cidade. Sobre as cidades medievais, nos lembra Mumford (1998, p. 331) que “Quando a ponte levadiça era erguida, e fechados os portões ao pôr do sol, ficava a cidade desligada do mundo”. Este quadro permaneceria pouco alterado ainda durante alguns séculos e na maioria das grandes cidades do mundo, mesmo porque “A falta de uma iluminação artificial adequada continuou sendo uma das grandes imperfeições técnicas da cidade até o século XIX.” (MUMFORD, 1998, p. 87).

Apropriar-se da noite tornou-se uma medida necessária para a segurança dos habitantes das cidades. Sair de casa à noite era uma ação arriscada, mesmo para aqueles que portavam lanternas. Dessa necessidade se incumbiu o poder público, sendo o Estado absolutista francês o primeiro a criar (em 1681), um sistema de iluminação pública (à vela) que tinha como principal objetivo a instauração da ordem e o controle dos comportamentos durante a noite (SCHIVELBUSCH, 1987).

Os meios técnicos eram, entretanto, escassos, inadequados e pouco eficientes para iluminar caminhos ou garantir o fluxo dos cidadãos com segurança. Novos dispositivos técnicos precisaram ser criados para que houvesse uma adequada iluminação dos espaços públicos das cidades e conseqüentemente o uso destes espaços pelos cidadãos.

O fogo derivado da queima da madeira, do azeite, do óleo e do carvão, aprisionado ao local onde era produzido e limitado ao consumo local, sem possibilidade de distribuição a não ser por contato direto entre os mecanismos de combustão foi substituído pelos sistemas de distribuição de energia a gás e posteriormente pela energia elétrica, neste caso, oriunda de diversificadas fontes (hidráulicas, eólicas, petrolíferas, nucleares, térmicas etc.).

Antes da invenção das técnicas de utilização da energia elétrica na iluminação pública, havia uma grande dependência dos bicos de gás em meio urbano, o que gerava uma complicada necessidade de redes de distribuição de gás e constantes trocas dos aparelhos de iluminação. Os descobrimentos e inventos de Thomas Alva Edison, especialmente a criação da lâmpada incandescente – popular até hoje e criada por Edison em 1878 –, foram importantes para o estabelecimento de redes de distribuição de energia elétrica eficientes e lucrativas em todo o mundo (HÉMERY; DEBEIR; DELÉAGE, 1993).

As indústrias foram as primeiras a investirem e a receberem iluminação elétrica em suas áreas de produção. O uso fabril previa a prolongação do tempo de produção para além das horas de luz útil promovida pelo sol e uma forma mais barata e mais prática de iluminação artificial

(HÉMERY; DEBEIR; DELÉAGE, 1993). Somente após algumas mudanças nas redes de distribuição energética – o que de fato não demorou muito tempo para ocorrer – o espaço público passou a ser privilegiado pela iluminação artificial. Este acontecimento representou uma mudança significativa na vida social, pois anteriormente a noite evocava a incerteza e a ansiedade no espaço público. Mesmo quando a iluminação das noites era propiciada, seja pela luz da lua cheia, seja pela chama de velas ou da queima do óleo, o costume era restrito ao cerimonial comunitário, muitas vezes ligado a eventos religiosos ou a festejos ocasionais (ALVES, 2004). Nas palavras de Scott McQuire:

The electrification of industry and transport, combined with the extension of electrical grids into public streets and private homes, has been one of the key vectors of technological change demarcating industrial modernity from previous social forms (McQuire, 2005, p. 126).

No caso das noites urbanas, Melbin (1978) e Gwiazdzinski (2000) parecem concordar com as proposições de McQuire (2005), especialmente no tocante ao papel da iluminação pública na expansão da vida social. Para Murray Melbin:

[...] the search for an optimum material for lantern lights, capable of being repeatedly brought to a white heat, culminated in 1885 in the invention of the Welsbach mantle-a chemically impregnated cotton mesh. The use of the dark hours increased thereafter, and grew further with the introduction of electric lighting (MELBIN, 1978, p. 4).

A afirmação de Luc Gwiazdzinski é ainda mais ampla, ao colocar a hipótese de que o uso generalizado de iluminação pública teve um papel fundamental na aparição de um espaço público noturno:

Dans cette conquête de la nuit urbaine, la généralisation de l'éclairage public (huile, gaz, électricité) a joué un rôle fondamental rendant possible le développement des activités et des animations et entraînant l'apparition d'un *espace public* nocturne (GWIAZDZINSKI, 2000, p. 81-82).

Parece-nos que a partir do final do século XIX a humanidade inicia, assim, uma nova experiência com o espaço e com a noite, pois as certezas materiais que orientavam a vida cotidiana diurna já não mais pareciam tão óbvias, sendo reapropriadas e transformadas durante a noite. A luz artificial dava aos objetos um sentido socioespacial diferente daquele observado durante o dia, inclusive porque alguns lugares eram demasiadamente iluminados enquanto que áreas no entorno permaneciam na escuridão (McQuire, 2005). A luz criava um novo enredo para a cidade, com novos

ritmos noturnos, classificações e orientações para o olhar e para a vida na cidade (GWIAZDZINSKI, 2000).

Na modernidade, a vida noturna nas cidades se tornou muito comum e apreciada ao valorizar aspectos que sob a luz natural eram ignorados. A vida social foi estendida no tempo e no espaço, compreendendo novos lugares, atividades e relações (Melbin, 1978). Esta nova dimensão do urbano acentuou as diferenças em relação ao espaço rural ao reforçar nas cidades a centralidade simbólica, os valores modernos e o caráter civilizado de seus habitantes em detrimento de valores tradicionais, símbolos identitários e a reclusão ao núcleo familiar.

A iluminação também criou um marco físico que delimitou os conteúdos sociais que diferenciam os espaços habitados, civilizados e modernos dos espaços vagos, não ocupados e relegados ao silêncio noturno. O imaginário sobre a iluminação artificial e a noite urbana reforçou a dicotomia entre iluminado – seguro / escuro – perigoso, levando a um reforço da imagem da cidade moderna como um espaço iluminado pela técnica e orientado pela segurança.

PAISAGENS NOTURNAS

Todas estas inovações que surgiram ao longo dos séculos transformaram a paisagem noturna das cidades, requalificando-as através da iluminação e com importantes reflexos na dinâmica urbana. Isto porque a paisagem urbana é dinâmica e pode mudar sem, no entanto, perder a constituição física que lhe é peculiar. A iluminação urbana e as atividades noturnas criam um novo sentido para a cidade, estabelecendo uma imagem diferente em relação ao dia, justo porque explicita ainda mais a intencionalidade humana em sua expressão visual. Ocorre uma mudança funcional, mas não essencial, como suscitado por Santos (2008), pois a cidade permanece, ainda que alterada por um novo jogo de visibilidade (criado a partir da seleção de pontos e áreas iluminados) e de sociabilidade (resultado da composição de uma cena urbana que possui outros atributos, distintos daqueles observados durante o dia).

Da forma como entendemos, as paisagens urbanas são um espetáculo que se renova continuamente, preenchidas pelos significados e elementos que compõem o conjunto sócio-espacial que as constituem. Dessa forma, um mesmo lugar pode possuir durante o dia certo arranjo de objetos, um ritmo de circulação de pessoas, a presença de determinados grupos predominantes. À noite, este mesmo espaço, com o mesmo arranjo de objetos pode, entretanto, ser preenchido por outra vida social. O ritmo e os comportamentos podem mudar assim como a forma de apropriação do espaço. Algumas ruas que durante o dia possuíam movimentação intensa tornam-se locais pouco frequentados, perigosos e até mesmo sombrios.

A iluminação noturna pode então atuar na identificação do local e das pessoas, revelar objetos que durante o dia permaneciam relegados ao fundo de cena, alterar, desse modo, a percepção espacial do lugar. O cenário noturno é diferenciado, pois estabelece novas referências espaciais, mesmo quando a organização dos objetos não sofre qualquer alteração. A luz torna-se, assim, um componente especial que modifica a experiência espacial e a visibilidade dos elementos.

Aqueles elementos que são destacados sobressaem neste jogo e tomam o centro da imagem da cidade; outros elementos permanecem sob suas sombras e assumem um papel secundário. Poderíamos sugerir que tal efeito possui aspectos teatrais, já que a iluminação é criada no intuito de uma garantia de representação de uma ideia. O enunciado produzido através da luz ajuda no estabelecimento de um diálogo entre a forma urbana e o ritmo social, seja para orientar o deslocamento, seja para apresentar um conceito ou mesmo para criar uma referência.

Até o momento acreditamos que este tipo de visibilidade criada através da iluminação especial de elementos urbanos (fachadas, monumentos, patrimônios etc.) possui um significado que se encontra relacionado à localização do objeto (o lugar onde está como aspecto fundamental para a visualização e a transmissão de uma ideia ou mensagem) e sua composição no espaço urbano (a combinação com outros elementos, seja para sobressair ao entorno, seja para ressaltar o conjunto que compõe).

Não é, portanto, aleatória a escolha dos lugares que serão iluminados de forma especial. Áreas residenciais e industriais¹, por exemplo, possuem usualmente apenas o tipo padrão de iluminação dos espaços públicos. A segurança é o objetivo central da iluminação em tais áreas. Por isso, raramente observamos fachadas iluminadas, propagandas em *outdoors* luminosos ou qualquer indicação que não seja realizada segundo padrões de iluminação pública. A iluminação de destaque em áreas residenciais ou industriais não serve para facilitar o acesso, pois as pessoas conhecem o local de trabalho ou de moradia; tampouco é útil para o marketing, já que a visibilidade dessas áreas é limitada aos moradores ou usuários de tais áreas.

Nos setores públicos, em áreas centrais, com grande fluxo de pessoas, a iluminação especial auxilia na orientação e no reconhecimento. A iluminação cria uma capa que identifica pontos dentro da cidade que podem se tornar referências de localização em virtude de sua visibilidade e publicidade. O uso da iluminação de fachadas funciona melhor nessas áreas ao contribuir para a identificação, o reconhecimento e a orientação ao percurso. Ao mesmo tempo, a iluminação pode ser utilizada para a propaganda com maior sucesso em virtude da amplitude visual (maior público)

¹ Deve-se ressaltar que áreas industriais revitalizadas tendem a ser decoradas com iluminação especial, mas em um sentido um pouco diferente e que diz respeito à valorização patrimonial do conjunto arquitetônico industrial. Este modelo é muito comum na Europa, onde grandes áreas são recuperadas e refuncionalizadas para novos usos, especialmente para lazer e entretenimento.

que está disponibilizada em razão da localização privilegiada de um elemento no contexto do tecido urbano.

A localização geográfica torna-se, assim, um fator preponderante que à noite ganha destaque em razão do contraste entre lugares de luz e lugares de sombra. Estes efeitos de localização – como poderíamos denominar – mudam em razão de diversos atributos como cor, ângulo de incidência da luz, intensidade, movimento, composição com a arquitetura etc., estabelecendo uma configuração luminosa das noites urbanas.

A paisagem noturna possui ainda um fator de semelhança com a paisagem diurna, pois é o fruto nunca acabado de um conjunto de formas heterogêneas, criadas por atores sociais que não possuem os mesmos objetivos e que não esperam criar os mesmos efeitos. Ela revela disparidades e contiguidades. Dessa forma, a paisagem noturna nos fornece um campo de observação rico, em razão do jogo de visibilidade que é criado através da iluminação urbana. Acreditamos que ela se decompõe em cenários distintos, composições que remetem a uma organização dos termos físicos e simbólicos presentes no tecido urbano.

CENÁRIOS NOTURNOS

A partir das constatações anteriores gostaríamos de defender um caminho teórico para a análise da iluminação urbana das cidades. Acreditamos que exista um sentido teatral na composição da paisagem noturna, especialmente no que diz respeito à associação entre o componente físico e o movimento humano que compõe a dinâmica da vida social noturna. Buscamos, assim, através do conceito de cenário, interpretar os sentidos locacionais e simbólicos relacionados ao arranjo espacial dos objetos, o local das ações e a iluminação urbana. A ordem da iluminação no espaço, poderíamos indagar, segue então uma orientação similar ao esquema teatral de iluminação ao apontar um sentido de orientação para o olhar e para a ação, tornando alguns elementos visíveis, destacando papéis em uma cena.

No teatro moderno a luz elétrica proporcionou a criação de ambientes, o uso de novas cores no vestuário dos atores, a demarcação nítida de uma hierarquia dos papéis em uma peça e a valorização dos elementos físicos de um cenário (ROUBINE, 1998). Se a luz nos palcos pode ser por analogia comparada à luz nas cidades é porque de algum modo acreditamos que palco e rua possuem vínculos estéticos similares. Isto ocorreu porque, tanto no teatro quanto na cidade, houve necessariamente uma mudança na reflexão intelectual sobre as estruturas. No meio urbano houve um impacto razoavelmente conhecido na forma da cidade e na criação de um modo de ser urbano que traçou limites mais nítidos entre o passado (colonial, provincial, rural, etc.) e o futuro

(moderno, civilizado, urbano, etc.). No teatro, por analogia, alterações similares ocorreram com o questionamento do modelo de palco italiano por novas concepções naturalistas e simbolistas de encenação teatral.

Gostaríamos, portanto, de apresentar uma possível leitura da cidade como um cenário, mas de uma maneira um pouco original que consiste na retomada das origens do vocábulo *scenario* no Renascimento italiano, como proposto por Gomes (2008). Esta ideia, inclusive, se assemelha à noção de teatro naturalista aplicada por André Antoine², na qual o espaço cênico é formado pela relação entre a ação e o lugar do ato, unindo o espaço físico à ação dos atores (ROUBINE, 1998). A ideia de Paulo Gomes é, por conseguinte, retomar este sentido, ou seja, a união das dimensões física, um arranjo de objetos em uma dada configuração, e imaterial, um conjunto de ações ou comportamentos resignificados pela orientação relativa a esses planos locacionais (GOMES, 2008).

Acreditamos que no palco de um teatro ou no espaço social de uma cidade não há nem subjugação do sujeito ao objeto, nem liberdade absoluta de ação por parte do sujeito. Em um cenário estabelece-se um diálogo entre forma física e comportamento social, sem qualquer estatuto privilegiado de determinação sobre nenhuma das partes. Tanto no teatro quanto na cidade nos encontramos em um ambiente tridimensional, no qual o espaço físico dialoga com outros elementos. Não se trata, portanto, de um *décor* ou de um substrato físico, pois na proposta que sugerimos o espaço adquire a característica de integração, o que envolve todos os elementos presentes em uma cena, a iluminação incluída.

Contudo, os cenários da vida urbana são formados por elementos provisórios, passíveis de mudanças no futuro, sendo impossível determinar os termos finais. Esta sutil diferença nos faz lembrar que a analogia ao teatro possui limites e dificuldades, pois o devir acaba por impor novas configurações ao espaço urbano, mutável em seus aspectos físicos e simbólicos. Toda interpretação é, portanto, também provisória. Visto que os elementos que constituem uma cidade mudam com o decorrer do tempo, pois ela – a cidade – é um espetáculo que se renova continuamente, sendo palco e enredo da dinâmica social.

Em se tratando da iluminação urbana a situação é ainda mais complicada. A iluminação que estava disponível na noite anterior pode hoje desaparecer devido a ações de vandalismo, mudanças no interesse político, economia de energia ou falta de manutenção. Assim, os cenários noturnos são efêmeros, a cada noite pode surgir um monumento iluminado, novas cores em fachadas, novas lâmpadas para a iluminação pública e desaparecer as fontes de luminosidade da noite anterior.

² André Antoine (1858-1943) foi ator, diretor teatral e criador do Théâtre-Libre (1887) em Paris.

COMPOSIÇÕES CÊNICAS DA NOITE CARIOCA

Esta sempre renovada composição da paisagem urbana noturna exige que o estudo empírico esteja sempre atualizado e a escolha das escalas de observação definidas com rigor. Assim, adotamos o bairro do centro da cidade do Rio de Janeiro como campo privilegiado de observação empírica. Em primeiro lugar, porque o bairro do centro esteve durante um longo período sob o foco dos interesses sobre iluminação pública, tanto em razão das muitas atividades que o tornaram um lugar preenchido de vida social, inclusive noturna³, quanto no que diz respeito aos elementos patrimoniais e monumentais que preserva em diminuta área e que são valorizados pelo uso de iluminação especial atualmente.

Em segundo lugar, está em marcha um processo de revitalização dos espaços públicos do centro, evidenciados pela retomada da vida noturna em alguns locais do bairro, com notório destaque para a Lapa, local de confluência de pessoas de todas as áreas da cidade e de turistas. Ao mesmo tempo, o centro do Rio de Janeiro possui lugares pouco valorizados e visitados, um quadro que tende a se agravar durante a noite. Áreas inteiras permanecem na escuridão enquanto outras são apropriadas por vida social intensa ou iluminação feérica que ressalta elementos na paisagem.

Um terceiro aspecto fundamental que demonstra a relevância do bairro do centro é a diversidade de luzes. Isto ocorre especialmente no centro, devido à diversidade de objetos, atividades, ritmos e intencionalidades que percorrem a paisagem, formando cenários diversificados. À noite, a iluminação da cidade favorece a uma reformulação dos cenários, o que é ratificado por uma maior variedade de tipos de luminárias, lâmpadas e técnicas de iluminação que se integram a outros elementos da cena. Há áreas dentro do bairro que são diferentes no que diz respeito ao tipo de iluminação presente, o que parece demonstrar que existe um regime de visibilidade que percorre o bairro, criando uma seleção do que deve ser visto. A partir desse ensejo, notamos que uma classificação preliminar era possível de ser feita e que algumas áreas possuíam semelhanças no que se refere ao uso da luz e sua associação à vida social e ao espaço físico dos lugares.

Para o estudo da área adotamos algumas técnicas de pesquisa que ampliaram a capacidade de observação em campo como mapas de uso do solo, desenhos urbanísticos, projetos de implantação de iluminação pública, documentação jornalística relativa ao tema e manuais de luminotécnica. Estas fontes foram usadas para articular as intenções de projetos e o uso social da área escolhida e ajudaram na interpretação do que se observou em campo.

³ Proporcionalmente, o centro da cidade consome uma grande quantidade de energia elétrica através da iluminação pública, pois, apesar de estar em uma área de planejamento de diminuta área territorial (correspondente a 2% da área total do município), consome significativa parcela da energia distribuída a toda cidade (cerca de 16% do total de consumo anual), segundo dados da Light.

O estudo empírico foi realizado a partir de percursos anteriormente determinados a partir de mapas e informações sobre a iluminação dos lugares posteriormente visitados. Estes percursos também foram repetidos em dias diferentes ao longo de uma semana, no intuito de apresentar um quadro mais amplo das relações existentes entre o lugar e a hora em que se manifestavam os acontecimentos.

Desse modo, ao observarmos as cidades durante a noite notamos que há diferenciações entre áreas. Isto se deve em primeiro lugar a própria organização diurna das cidades, que impõe um molde para a introdução de luzes a partir das funções das áreas (isto no caso em que a cidade é antiga e a iluminação surge depois, cidades novas devem ser pensadas de outra forma). Por outro lado, a diferenciação da iluminação em áreas se deve à valorização social que se manifesta em ações públicas de seleção de lugares da cidade. Se, de certa maneira, a iluminação pública funcional se tornou presente na maioria dos logradouros públicos das cidades; de outra forma, os artifícios de iluminação especial (em fachadas, monumentos etc.) são introduzidos de forma bem mais seletiva. O jogo de visibilidade formado por estes dois princípios básicos da iluminação urbana (luz funcional e luz especial) transforma a paisagem urbana, criando cenários compostos por configurações de elementos diferentes.

A partir de tal consideração procuramos estabelecer uma classificação de áreas através da iluminação. Seguindo as inferências sobre a cidade do Rio de Janeiro e as reflexões que aproximam teatro, arquitetura e geografia definimos quatro cenários noturnos que possuem significados e configurações distintas (luzes, atividades, espaço físico, localização etc.). São eles o que denominamos de *corredores iluminados*, *pontos de extrema luminosidade*, *centros de cena noturna* e *fundos de cena*.

Corredores iluminados

Corredores iluminados são as áreas que se configuram enquanto lugares de circulação dentro da cidade. São os locais utilizados para o deslocamento urbano, que ligam pontos da cidade e que são, por isso, diferencialmente iluminados. No centro do Rio de Janeiro, por exemplo, os lugares de passagem como ruas, avenidas, passarelas, estações e pontos de ônibus são equipados por iluminação funcional adequada aos padrões de iluminação pública. As principais ruas e avenidas do Centro (1º de Março, Rio Branco, Presidente Vargas, República do Chile) possuem tal característica, pois são formadas por um arranjo espacial que objetiva o deslocamento fácil, seguro e ordenado de pessoas e veículos.

Tais áreas não são, portanto, para a permanência, a menos que de forma provisória e precária, mas sim para a circulação. São iluminadas no intuito de gerar conforto visual para o

deslocamento e possuem níveis adequados de luminosidade para que o fluxo durante a noite permita as viagens de retorno após o dia de trabalho, as caminhadas entre as principais avenidas e a transição entre as áreas da cidade.

Pontos de extrema luminosidade

Em grandes cidades encontramos lugares que guardam em sua história a efervescência cultural de sua sociedade e representam a imagem que se guarda da cidade. Tais lugares são como áreas centrais no imaginário de uma cidade e por isso são usualmente contemplados pelos interesses públicos que auxiliam no reforço de sua imagem-referência. Em tais lugares – estamos pensando especialmente em cidades que possuem centros históricos – os marcos do passado e outros elementos de identificação da cidade são realçados à noite através de iluminação de destaque. Monumentos, fachadas de prédios, obras de arte, pontes, igrejas etc. são reformulados a partir da transformação de sua aparência diurna em uma nova forma visual.

A iluminação especial que pode ser feita através de variados materiais e técnicas serve para destacar e realçar certos elementos na paisagem urbana, o que acaba por criar uma composição que diz respeito ao contexto local ao qual se insere. A luz nesses casos não é introduzida com o objetivo de manter a presença de pessoas no local ou mesmo de propiciar o seguro deslocamento. Não há necessariamente permanência, pois estes são lugares da cidade que servem para ser vistos e onde as pessoas tornam-se parte de uma plateia que, dependendo da intenção do projeto luminotécnico e de sua integração com os objetos físicos que ilumina, podem apreciar, por exemplo, os detalhes arquitetônicos de uma fachada, os traços da obra de um artista ou a magnitude de uma estátua.

Estes lugares ricos e detalhadamente iluminados servem também como pontos de referência, locais onde vemos e identificamos a cidade. Eles são, ao mesmo tempo, pontos de reflexividade, onde vemos e nos identificamos como parte da sociedade. São referências para a história de um povo, fazem parte da memória coletiva e compõem um álbum de recortes da cidade. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, o Cristo Redentor torna-se ainda mais majestoso e imponente à noite, devido às luzes especiais que adornam o monumento.

Outro exemplo também pode ser encontrado nas áreas mais antigas do Centro Histórico carioca, entre a Praça XV e a Praça Pio X (Candelária), onde podemos observar um dos quarteirões mais ricamente iluminados da cidade. Esta área tem sido privilegiada pelo interesse público e beneficiada com farta e bela iluminação, contando também com outros fatores – atividades de entretenimento, segurança, conjunto arquitetônico, etc. – para criar um conjunto valorizado em meio ao tecido urbano.

Centros de cena

Ruas, praças, calçadas ou ainda qualquer espaço público de uma cidade podem ser incorporados à cena noturna através da reorganização funcional do espaço, ou seja, os tipos de atividades e grupos que vivenciam o local, o arranjo do espaço físico, a presença do Estado na regulação do espaço etc. que auxiliam na criação de uma cena noturna. Tais áreas são usualmente referências de lazer e entretenimento de uma cidade, sendo também muitas vezes incorporadas por interesses turísticos ao compor a imagem da cidade.

Nesses lugares a permanência é a regra, pois estar lá significa compartilhar algo, criar um vínculo pessoal com o lugar, se ver como parte da cidade. São lugares para serem visitados e vivenciados na cidade, formando, em alguns casos, parte de um circuito obrigatório para os visitantes e uma referência de vida cultural para os habitantes. As pessoas tornam-se parte fundamental da cena e ajudam a criar o contexto social que fortalece a imagem local.

Pode ser o caso de locais que apesar de não estarem intensamente iluminados continuam sendo frequentados de forma recorrente por um bom número de pessoas. O tipo de iluminação que podemos encontrar em tais áreas é do tipo funcional, orientadas para garantir a segurança do usuário e o conforto para as atividades noturnas. Eventualmente, podemos perceber a presença de iluminação especial, para efeito de composição, ainda que discreta, em áreas patrimoniais.

Em outras cidades também podemos observar este fenômeno, no qual áreas menos iluminadas representam lugares de convívio. O lazer noturno usualmente é obtido em tais locais, onde a luz não é tão intensa a ponto de causar sufocamento e nem tão mortiça que provoque medo e ansiedade. Na cidade do Rio de Janeiro, o bairro da Lapa talvez represente bem a ideia de espaço para permanência e convivência. Em algumas de suas ruas encontramos apenas a iluminação pública comum em toda a cidade, mas as luzes quentes das lâmpadas incandescentes das barracas de comida, as luzes extravasadas e coloridas das casas de show, os monumentos iluminados à distância compõem um cenário noturno diversificado para as atividades que se desenvolvem neste pequeno espaço da cidade.

Fundos de cena

Há ainda casos em que o lugar é relegado ao esquecimento noturno, ou seja, quando permanece na penumbra ou sob a sombra de outros locais, permanecendo invisível durante a noite e quase nunca frequentado, entendido como lugar ermo e perigoso, de acesso restrito, mesmo para a passagem, tornando-se, dessa forma, um fundo de cena. De um lado, este esquecimento diz respeito ao desinteresse público em relação a estas áreas, mas, por outro lado, revela o significado que possuem tais lugares, ou seja, olvidados em meio ao arranjo espacial urbano, permanecem em um

papel coadjuvante na representação da cidade e no imaginário que se tem sobre ela. Isto porque talvez a força simbólica que representavam no passado tenha se perdido com o passar do tempo ou mesmo porque talvez ainda não tenham se incorporado ao interesse público contemporâneo.

Nas áreas periféricas e não residenciais das cidades podemos observar esse fenômeno, no qual ruas, praças ou mesmo grande áreas permanecem vazias ou com fluxo pequeno de pessoas, mesmo durante o dia. São lugares que ficam escondidos, relegados ao esquecimento noturno e onde as pessoas não participam da cena urbana, em virtude do abandono do palco.

REFLEXÕES FINAIS

Assim como no teatro, a cidade articula uma comunicação entre o espaço físico (palco e plateia) e os usuários (atores e espectadores). Um espetáculo exige não somente a atuação daqueles que se encontram presentes em dado lugar, mas necessita também da participação de um público, ou seja, de pessoas que possam observar ou contemplar aquilo que se passa à distância. Um conjunto arquitetônico iluminado à noite nos fala sobre a cidade, sua história, mitos e símbolos, sem necessariamente conter o movimento, a dinamicidade e a vida noturna. Outros lugares não possuem iluminação feérica, mas precisam ser incorporados ao espírito noturno do cidadão, que faz amíúde uso daquele lugar para se sentir parte dessa mitologia urbana.

Olhar à distância um monumento que é referência na cidade e da cidade para outros lugares é uma atitude de reconhecimento e de identificação. À noite acreditamos que tais elementos recebem uma capa especial que reforça o caráter simbólico da paisagem, desvelada em uma nova hierarquia visual. Uma graduação entre pontos muito iluminados e pontos escuros. A iluminação urbana desempenha, portanto, um papel fundamental ao alterar as características físicas e transformar a nossa visão dos lugares. Por se tratar de uma experiência visual razoavelmente recente a paisagem noturna não é objeto de muitas investidas geográficas ou mesmo científicas, em geral. Nosso intuito foi apenas apresentar uma alternativa para um campo inexplorado e que ainda necessita que múltiplos olhares observem as questões que ele impõe.

REFERÊNCIAS

GOMES, P C.C. **Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações**. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (org.). *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

GWIAZDZINSKI, L. La Nuit, Dernière Frontière. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, 87:81-88, 2000.

HÉMERY, D.; DEBEIR, J.; DELÉAGE, J. **Uma História da Energia**. Brasília: EdUNB, 1993.

MCQUIRE, S. Immaterial Architectures: urban space and electric light. **Space and Culture**, 8:126-140, 2005.

MELBIN, M. Night as Frontier. **American Sociological Review**, 43:3-22, 1978.

MUMFORD, L. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROUBINE, J. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHIVELBUSCH, W. The Policing of Street Lighting. **Yale French Studies**, 73:61-74, 1987.